

«NUNCA VIMOS COISA IGUAL!» (Mc 2,12)

LIÇÃO - 3

# «Nunca vimos coisa igual!» (Mc 2,12)

por Pierluigi Banna\*

«Jesus respondeu-lhes: “Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto. Quem se apega à sua vida perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo, há de guardá-la para a vida eterna. Se alguém me quer servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve. Se alguém me serve, meu Pai o honrará”» (Jo 12,23-26).

Esta é a grande razão que dominava todos os sentimentos de Cristo. Não é uma filosofia. E não vamos dizer, por favor: «Ele é ótimo, mas eu não consigo!» Eu sou o primeiro a não conseguir. Não é este o problema de agora; neste momento, temos simplesmente de olhar para a “boa razão” de Jesus: «Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto» (Jo 12,24).

Guiado por esta boa razão, comove-se e cai no choro, porque o amigo Lázaro está morto (cf. Jo 11,33-35), irrita-se com quem transforma o templo num mercado de produtos religiosos (cf. Mc 11,15-19), chega a cansar-se pelo quanto cura e fala (cf. Jo 4,6), sempre à procura de todos os homens, pois estavam como ovelhas perdidas, sem pastor (cf. Mc 6,34). Todos os sentimentos, tão profundamente humanos, que enchiam o Seu coração, todas as dificuldades que de boa vontade e livremente enfrentava, estão ordenados a um só fim, na obediência ao Pai que nunca o tinha traído, tinham uma só razão: dar a vida para libertar os homens dos seus condicionamentos – como dizíamos ontem à noite –, libertar o homem desta ditadura das emoções, escancarar finalmente o coração e a razão do homem.

Não é preciso já ser católico para compreender tudo isto. Impressionou-me que alguns de nós que estão aqui, não católicos, à pergunta «Por que vieram aqui?», responderam: «Porque aqui vem à tona o meu humano, aqui se fala de mim». E outro me disse: «Quando o senhor fala de Deus, não o acompanho, mas quando fala dos relacionamentos, diz coisas verdadeiras». Jesus não precisa, como diria o Papa Francisco, de proselitistas, de gente que tenha a carteirinha e pague o pedágio ao grupo dizendo: «Sim, sim, não se preocupe, vou ao encontro», Jesus tem uma só preocupação: libertar o homem e fazê-lo finalmente sentir-se ele mesmo. Até o homem que O recusa? Até o homem que O odeia? Sim! Até mesmo Judas, até mesmo a mim. Caracterizava-o a comoção pelo nada que o homem é, a tal ponto que se comoveu até pela traição dos Seus. Como diz Dom Giussani (na pá- »

\* Palestra no Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca, Rimini, 14 de abril de 2017.

» gina 33 do livreto): \*\* «Deus comoveu-se com a nossa traição, com a nossa pobreza rude, esquecida e traidora, com a nossa mesquinhez. [...] “Comovi-me porque me odeias”. É uma emoção, é como uma emoção; é uma comoção, tem dentro uma comoção» (*É possível viver assim?*). Desde o primeiro dia da Sua missão, todos os Seus sentimentos estavam ordenados a esta comoção por cada um de nós. Portanto, escutemos *O côr soave* (página 34), que diz que Jesus não foi morto só por um punhal pungente, pela violência dos homens, mas imolou-se, foi morto pelo amor, por uma seta originada e disparada pelo Amor em pessoa.

### *O côr soave*

«Comovi-me porque me odeias.» Parece impossível que um homem possa amar tanto assim, a ponto de oferecer a sua vida por quem o odeia. Parece impossível, mas aconteceu. Os seus amigos viam-No viver assim continuamente, e continuavam a dizer: «Nunca vimos coisa igual!», desde o primeiro dia em que O encontraram, por causa desta Sua paixão contínua por todo e qualquer homem, por causa desta Sua paixão por mim, por mim como sou, com estes meus limites evidentes (para além das aparências!). Desde os primeiros dias em que os primeiros O encontraram, continuaram a repetir esta frase («Nunca vimos coisa igual!»), surpresos com a Sua personalidade tão capaz de penetrá-los no íntimo, de descobrir-lhes o caráter. Não se tratava apenas de uma impressão ocasional, de um sentimento que foge.

Muitos de vocês descrevem assim o encontro feito com GS: finalmente não julgados, soltos; não perfeitos, mas preferidos, e não por alguma atuação particular; simplesmente abraçados. Como conta um de vocês: «Pela primeira vez na minha vida, diante das dificuldades encontrei uma presença para mim, que vai além do que sou e sempre consegue ir além do meu incômodo, incentivando-me a sempre lançar mão do melhor daquilo que sou».

Então dizer «Nunca vimos coisa igual!» diante de certas experiências que trazem para fora o melhor de nós, não é uma emoção que passa? Não, porque continuam a ocorrer fatos, fatos tão “explosivos” que toda vez nos reabraçam, nos retomam, nos reconquistam e não nos deixam embriagar de emoções, mas nos fazem ir a fundo nelas e nos deixam cada vez mais afeiçãoados, encham-nos de uma pergunta – é um bom sinal que nasçam algumas perguntas –: «Mas quem és Tu, que diante de mim, na minha pequenez, do meu nada, me dás tudo isto?», escreve um de vocês. Outra amiga nossa, falando de tudo o que lhe aconteceu depois da morte da mãe, pergunta: «Quem é que pode tornar maravilhoso até mesmo um fato trágico?». Outro ainda fica conquistado pelo Movimento e diz: «Tudo bem, porque é o início!». Mas depois convida os seus pais e eles também ficam felizes. E então poderia dizer: «Sim, mas eu não sou tão bom. A emoção passou». E no entanto também convida os avós e eles também ficam fascinados. Depois faz uma coisa “impossível”, quase comparável à ressurreição: convida a sua professora de matemática! E ela também fica interessada! Vocês se dão conta? A professora de matemática: é a revolução do cosmos! Se conquista o coração de uma professora de matemática, quer dizer que vence em todo o mundo mesmo! Não digo isto porque eu tenha algo contra as professoras de matemática – tenho-lhes o maior respeito –, mas para ressaltar o quanto Cristo é grande.

Desde o primeiro dia até o último da vida deles, os apóstolos eram continuamente deparados a certos fatos que escancaravam as suas perguntas; foi uma contínua surpresa com aquilo que Ele fazia, com como sabia olhar para a doença, com como não condenava os pecadores, com como sabia pôr contra a parede os sábios do templo, mas principalmente com como captava profundamente a humanidade deles, tanto que continuavam a repetir: «Nunca vimos coisa igual!». E, assim como este nosso amigo que convidou a professora de matemática, »

\*\* O livreto «*Nunca vimos coisa igual!*» contém os trechos citados no decurso do Tríduo Pascal e pode ser [baixado em formato PDF](#).

» também os discípulos devem ter-se perguntado: «Quem és Tu, que tomou assim a iniciativa nas nossas vidas e nos conquistou assim? Quem és Tu? Nunca vimos coisa igual!». E eu também repito isto, mas não impulsivamente como o digo diante de um pôr-do-sol ou diante de uma bela noite. Eu digo: «Nunca vimos coisa igual!» diante de uma presença, querendo ir atrás dela, querendo conhecê-la mais, não querendo deixá-la mais. Como conta outra de vocês, que encontrou alguns membros de GS trabalhando no verão num hotel e ficou encantado com como o trataram, ou seja, como a um irmão, tanto que o convidaram para as férias; mas ele disse-lhes: «Não, eu não sou da Igreja», e deixou para lá. Quando mudou o turno do trabalho, chegaram outros membros de GS que não conheciam os de antes, mas ele viu que também estes o tratavam como a um irmão, como a um amigo, estava bem com eles; e então perguntou: «Quem são vocês?», «Somos de GS». E ele: «Então eu vou às férias!». Não é a emoção de um instante, é uma presença que continua a acontecer e que o deixa cada vez mais afeiçoado àqueles novos amigos. As férias foram ótimas. O verão terminou e esse menino pensa: «Ok, agora vou voltar para a vida de antes» (lembra-se de *Non son sincera*, que ouvimos no começo?). Voltou para as aulas, mas mudou de classe, e agora tem um novo colega que lhe diz: «Vamo-nos encontrar para estudar juntos uma tarde». Que belas conversas que se têm com esse colega! Tem mesmo uma humanidade íntegra. Então ele começa a contar-lhe do verão e o colega diz: «Sabe, eu também encontrei GS». E assim começaram GS na escola deles. O nosso amigo conclui assim a sua história: «Hoje esta companhia faz parte de mim todos os dias». Uma afirmação do gênero não depende do fato de durarem as nossas emoções; o ponto é que certos fatos são teimosos e não nos deixam. E nós, com todo o turbilhão das nossas emoções, temos de acertar as contas com esses fatos; para podermos ver se as nossas emoções, as nossas dúvidas, as nossas perguntas, podem entrar em foco para entendermos se estes fatos são verdadeiros ou não.

O último fato que me comoveu realmente, porque parece ter voltado ao ano zero da Igreja, diz respeito a um amigo nosso que provinha de uma família atea, então não sabia nada de religião. Mas um domingo, o irmãozinho foi jogar futebol na paróquia, volta para casa e conta sobre o que faziam lá: «Ficamos surpresos – conta – que uma criança fosse à paróquia até aos domingos. Depois de algumas semanas, voltou para casa e explicou-nos a missa; ficamos outra vez espantados. Deixamos de lado; como é uma criança, qualquer coisa nova que vê é surpreendente para ele. Nas semanas seguintes aconteceu a mesma coisa e depois de um tempo a minha mãe começou a interessar-se [Entendem? No fim, todas as nossas possíveis emoções têm de acertar as contas com os fatos que continuam a acontecer]. Mudamos para outra cidade [tudo parecia acabado]; quase que imediatamente eu encontrei GS, e os meus pais encontraram CL. Um fim de semana, reunidos em casa, começamos a falar disto: uma reflexão depois de outra, demos razão ao meu irmão [puseram o binóculo deles em foco diante destes fatos e disseram: “Talvez, por todos estes fatos, ele tenha razão”]; realmente existe algo verdadeiro e belo cuja existência não conhecíamos. Não sabíamos sequer o que era uma missa ou o cristianismo, assim decidimos batizar-nos. Mas não acabou por aqui [não basta a emoção do Batismo recebido], não mudou apenas a passagem de ateus para cristãos, mas mudou tudo. O olhar ao ver as coisas, o comportamento, o relacionamento em casa... antes os meus pais eram muito superficiais no dia a dia, incompreensíveis, ao passo que agora como são é maravilhoso; certas vezes acontece que eles me esperem acordados depois do encontro de GS para ouvir sobre como foi. Quanto à pergunta “Nunca vimos coisa igual”, eu digo que nunca tinha visto nada igual, mas nada mesmo! E algo mudou? Sim, mudou tudo!».

Há dois mil anos, teimosamente, obstinadamente e irredutivelmente, na vida de cada um de nós ocorrem fatos – que se repetem no tempo, não por um esforço nada ou por um convencimento das pessoas, mas simplesmente pela iniciativa do Mistério nas nossas vidas, »

» ocorrem – fatos que suscitam emoções, emoções que pedem que vamos atrás delas, que provocam perguntas, que originam afeição e um apego, se simplesmente nós não ficarmos na superfície do medo ou do maravilhamento.

«Quem és tu?» «Esta companhia faz parte de mim todos os dias.» «E mudou tudo!»: esta é uma emoção sem razão ou é um sentimento novo da vida, fruto de uma comparação com o coração, que nos faz viver e que nos deixa afeiçoados? Não é uma simples emoção que roda em falso, mas, como diz Giussani (página 33), «a maravilha inicial [dos discípulos] era um juízo», e não um juízo frio, mas «*um juízo que os colava*»; «era como uma cola» (*L'attrattiva Gesù*) que os prendia cada vez mais a Ele. É um juízo cheio de afeição, não é uma emoção que se sacia com sentimentos, mas a descoberta de alguém a quem me afeiçoo, a quem posso entregar toda a minha fraqueza e todas as minhas perguntas, a quem posso dizer: «Tenho dificuldade, não entendi», sem vergonha. Posso ser finalmente eu mesmo, porque nunca me senti tão humano senão na frente d'Ele. Cheios desta afeição, podemos começar a olhar para a nossa humanidade, como Ele a olha: podemos, como Ele, não ter medo de nenhum aspecto da nossa humanidade.